

cualquier caso, de un reto productivo, y que se vincula con otras propuestas recientes que reflexionan sobre la relación de los Estudios Ibéricos con otros campos académicos y áreas geoculturales, como es el caso de los Estudios Transatlánticos. En definitiva, se trata de una obra que no solo resume el trabajo ya realizado por la red Galabra, sino que abre nuevos espacios de reflexión e investigación.

Dora Nunes Gago, *Uma Cartografia do Olhar: Exílios, imagens do estrangeiro e intertextualidades na Literatura Portuguesa*, Famalicão, Húmus, 2020, 194 pp.

José Cândido de Oliveira Martins
Universidade Católica Portuguesa
cmartins@ucp.pt

Desde logo, convém salientar que o mais recente livro de ensaios de Dora Nunes Gago – actual docente e investigadora da Universidade de Macau – constitui o feliz resultado de um projecto de investigação, “Narrating the exile in Portuguese”, para cujo desenvolvimento beneficiou de estadas em várias universidades (Brown, EUA; Brock, Canadá; Aveiro, Portugal; e Paris-Nanterre, França). Aliás, como a autora anota no texto introdutório, a sua própria experiência migratória como docente (quer em Montevideu, quer em Macau) pesou compreensivelmente na escolha deste tema de investigação, mais concretamente o “estudo da representação dos percursos migratórios e da experiência exílica na literatura” (p. 9).

O volume em causa apresenta uma estrutura claramente exposta e justificada, por um lado; e, por outro, um amplo e pertinente enquadramento teórico, além de manifestamente actualizado e fecundo para os propósitos ensaísticos e analíticos que presidem a estes textos. De facto, no que respeita

à organização, composta por dez ensaios antecidos por uma introdução, a obra estrutura-se em duas partes bem articuladas: primeira, “Exílios e imagens do Estrangeiro”; segunda, “Intertextualidades”.

Já no que diz respeito ao decisivo quadro teórico, os referenciais desta investigação abarcam quer os estudos de Imagologia, enquanto domínio específico da Literatura Comparada, permitindo pensar as imagens que se constroem (auto e hétero-imagens), para reflectir sobre importantes questões identitárias, ao nível da uma complexa e evolutiva “política de identidade”, sobretudo em sociedades e ideologias em constante mutação, cujas fronteiras e relações se mostram cada vez mais porosas e líquidas (Z. Bauman). Articuladamente, essas reflexões permitem à investigadora abordar a correspondente área temática de enorme actualidade – a experiência do exílio e suas representações; bem como as imagens do estrangeiro, na sua lógica de identidade/alteridade (A. Nous).

No segundo apartado, a tónica é colocada na dimensão intertextual, já que a dimensão exílica se articula dialogicamente com essa dimensão. O que significa que os estudos aqui reunidos se inscrevem também num horizonte teórico-metodológico do Comparatismo, estando a análise intertextual articulada com a Imagologia, no quadro omnipresente da memória intertextual – assim se construindo múltiplas imagens do outro, num contexto aberto à interculturalidade.

Neste enquadramento, na primeira parte, ganham pertinências os ensaios sobre Ferreira de Castro, com suas representações de cidades e de experiências de exílio em espaços brasileiros. Também do Brasil e dos Estados Unidos, e da conturbada situação exílica, nos fala a obra de Jorge de Sena, enquanto revoltado e apátrida Minotauro. Neste mesmo paradigma se pode ler a obra de Rodrigues Migueis, na sua construção de imagens cinematográficas de Nova Iorque. Por sua vez, a partir de Macau, sobressai a obra de Rodrigo Leal de Carvalho, com os seus retratos igualmente de índole exílica. A concluir esta parte, Maria Ondina Braga, escritora portuguesa auto-exilada em Macau, destaca-se na sua problematização de questões várias, imagens e paisagens ao diálogo, unificadas por uma “cartografia da identidade”, também no seu diálogo com o humanismo do poeta chinês Ling Ling.

Na referida segunda parte, o foco dos estudos detém-se na obra da escrita alentejana Fernanda Dias e no dinamismo dos ecos da poesia de Camilo Pessanha, ilustradamente cotejados. Retoma a escrita da autora de *Angústia em Pequim*, Maria Ondina Braga, no seu diálogo com poetas chineses da Dinastia Tang, enquanto vozes de poetas exilados. Prossegue com a obra de Agustina Bessa-Luís (*A Quinta*

Essência) e a relação privilegiada com uma obra literária chinesa (*O Sonho do Pavilhão Vermelho*). E termina com as ressonâncias intertextuais de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade na poesia de Jorge de Sena, a confirmar o fundo interesse seniano pela literatura e cultura brasileiras.

Concluindo: nesta cativante cartografia de olhares de Dora Nunes Gago – “travessia pelos múltiplos exílios, imagens dos estrangeiros e intertextualidades” (p. 181), como conclui a investigadora —, estamos perante um notável conjunto de ensaios literários, crítica e hermeneuticamente muito bem argumentados, além de seleccionarem autores e temáticas que confluem para o tema do projecto de investigação escolhido, por um lado; e, por outro, estamos diante de ensaios norteados pela maior actualidade, já que somos testemunhas de significativos fenómenos de migrações e deslocações à escala global, com reconhecido impacto no mundo contemporâneos, nos planos político, ideológico, sociológico, cultural e antropológico.

Numa deseável *poética da relação* (E. Glissant), assiste-se à configuração de uma complexa rede de hibridismos e de tensões culturais, que levam à “expulsão do outro” (Byung-Chull Han). E, como nos demonstra a obra desta investigadora, tocada por um evidente olhar humanista, a literatura pronuncia-se sobre estas magnas questões de hoje, tem uma palavra a dizer que não deve ser ignorada.

António Sá, *Famílias na guerra: pesadelo infantil, Cacém, Bubok Publishing, 2013, 91 pp.*

Maria Luísa Leal
 Universidad de Extremadura
 lleal@unex.es

Três crianças, junto com uma família que episodicamente as acolhe, abandonam num êxodo forçado a urbe de Malanje, situada no norte de Angola, realizam um longo périplo acidentado pelos arredores, com sucessivas famílias que encontram no percurso, e enfim regressam ao ponto de partida. Trata-se, portanto, de um relato de estrutura circular, cujo registo se aproxima da reportagem de guerra, especificamente de um episódio da guerra civil angolana, que se arrastou por muitos anos, após a independência da República Popular